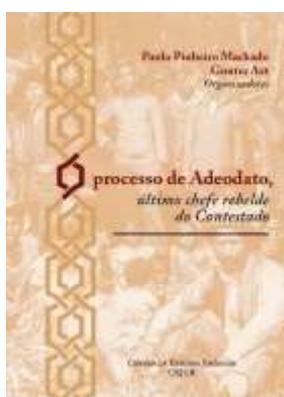


DESMISTIFICANDO A FIGURA DE UM “FACÍNORA”: O PROCESSO DE ADEODATO

Eloi Giovane Muchalovski

RESENHA

MACHADO, Paulo Pinheiro; AXT, Gunter (Orgs). **O processo de Adeodato**, último chefe rebelde do Contestado. Florianópolis: CEJUR, 2017. 200 páginas.



Os discursos e a memória sobre o movimento sertanejo do Contestado, impuseram, a alguns de seus principais personagens, rótulos pejorativos que perpetuaram no tempo. Líderes e parte daquela população acabou por ser marginalizada, em vários sentidos, nos anos que se seguiram após o fim do conflito em 1916. Hoje, o entendimento popular acerca dos eventos, muitas vezes denominado como “Guerra dos Fanáticos” ou “Guerra dos Jagunços”, é reflexo de um profundo e planejado plano, iniciado ainda durante a guerra pelos oficiais militares, pela imprensa e pela elite política, para construir uma versão dita “oficial”, vindo a resguardar a reputação do Exército e do governo após deliberado massacre da população sertaneja.

A então recente carnificina de Canudos, em 1897, e a consequente publicação da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902, abalou consideravelmente a imagem dos militares. As diversas denúncias proferidas pelo autor tiveram um amplo alcance. O livro vendeu mais de 2 mil exemplares em cerca de dois meses e foi exaltado pela crítica. Um verdadeiro sucesso na época. Para o governo, uma situação constrangedora como a ocorrida no Recôncavo baiano não poderia novamente acontecer. A construção de uma narrativa oficial sobre os embates no sul do país fazia-se, portanto, necessária.

Destarte, as primeiras obras sobre o Contestado, escritas ainda em pleno período de guerra pelos chamados historiadores de farda¹, deram início a um projeto de monopolização e implantação de uma versão sobre os fatos ocorridos no Planalto catarinense no início do século XX. Versão que deslocou um articulado movimento de resistência – em luta contra o capital estrangeiro, contra o abuso de poder dos coronéis e em oposição aos novos regramentos jurídicos sobre a terra – de uma posição de protagonismo na história do Brasil para ser relegado aos porões de uma “sub-história” regional, estigmatizado como um movimento de “jagunços”, “fanáticos” e outras tantas adjetivações à lhe atribuir sentido de crueldade e irracionalidade.

Na historiografia, somente em 1974 com a publicação de *Os Errantes do Novo Século*, por Duglas Teixeira Monteiro, é que houve a quebra desse estigma criado e consolidado pelos textos dos militares. Entretanto, uma nova visão e compreensão do movimento não poderia simplesmente apagar uma versão minuciosamente construída, a qual continua até a atualidade circundando determinados espaços de leitura.

A memória de seus líderes, da mesma forma, sofreu uma remodelação orquestrada, muitas vezes com a colaboração forçada dos próprios ex-rebelados. Sobreviventes da ação das forças públicas, os quais, por temerem a morte, passaram a negar sua participação no movimento, bem como opor-se a qualquer acusação de vínculo com quem dele participou. Nesse sentido, refutar a adesão e demonizar os integrantes e líderes significava, acima de tudo, a defesa da vida contra a sanha de piquetes de vaqueanos, responsáveis por fazer a chamada “limpeza” após retirada do Exército da região. Este é o caso de Adeodato.

Além disso, houve um silenciamento sobre a guerra após 1916. Para os paranaenses, o acordo de limites impôs o xeque-mate na disputa com Santa Catarina, deixando, como resquício, um certo trauma dos eventos, os fazendo desejar seu esquecimento. Para os catarinenses, representados pela elite oligárquica, havia a ânsia em apresentar o Estado barriga-verde como um espaço constituído de uma população branca e europeizada, negando assim a histórica presença de negros, caboclos e indígenas. Enfim, refutando a existência de uma população sobretudo brasileira, a qual formava a base do povoamento de toda a região do Contestado.

O livro organizado por Paulo Pinheiro Machado e Gunter Axt, intitulado *O processo de Adeodato, último chefe rebelde do Contestado*, procura, portanto, desmistificar a figura

¹ O termo historiador de farda é utilizado pelo historiador Rogério Rosa Rodrigues (2008) para nomear oficiais militares que participaram da campanha do Exército na Guerra do Contestado e que posteriormente publicaram obras sobre a guerra. Estes, também são referenciados pela historiografia com a denominação “oficiais memorialistas”.



histórica do líder Adeodato, lembrado como um “bandoleiro”, “jagunço”, “demônio”, “facínora”. Publicado em 2017 pelo Centro de Estudos Jurídicos (CEJUR), é resultado de projeto do Tribunal de Justiça de Santa Catarina que objetiva publicizar o processo que sentenciou o último chefe rebelde à trinta anos de prisão em 1916.

Constituído de três partes, o texto traz não só a transcrição, na íntegra, do processo crime que condenou Adeodato por sua suposta participação nos assassinatos ocorridos em 1914, na localidade de Rio Bonito, interior de Curitibanos, como apresenta importantes reflexões desenvolvidas pelos autores, as quais introduzem o leitor no contexto da Guerra do Contestado e preparam-no para compreender Adeodato no bojo do conflito, em combate contra um inimigo real e definido, e não como um sanguinário criminoso.

Na apresentação, Axt desenvolve uma síntese sobre os diversos aspectos que envolvem o movimento sertanejo. Demonstra as implicações das disputas dos limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina, iniciado ainda no Império, assim como a influência da crença popular nos monges santos, personificados na figura única de São João Maria, que atribuiu “musculatura” ao messianismo durante a existência do movimento. Da mesma forma, suas considerações sobre os eventos de outubro de 1912, marco temporal do início da Guerra do Contestado, propõem pensar a contenda como algo que poderia ser evitado, pois constituiu-se, embrionariamente, de um movimento pacífico, mas que “tornou-se agressivo na medida em que recrudescer a intolerância e a perseguição movida por solertes oligarquias, mas também por elites urbanas que viviam de costas para a realidade pouco edulcorada dos grotões” (MACHADO; AXT, 2017, p. 9).

A introdução, cuidadosamente escrita por Machado, revela os nuances da vida nos redutos e a ascensão das diferentes lideranças. Um percurso escrito de forma muito eloquente, de fácil leitura e compreensão, acessível ao amplo público. E, como não poderia deixar de ser, o personagem central da reflexão é Adeodato, o último chefe rebelde, o qual é apresentado dentro do próprio contexto da guerra, assumindo o comando em momento de intensificação do cerco pelo Exército e de ruptura entre as lideranças. Ruptura que opôs dois grupos entre os sertanejos, um representado pelos “moderados” e outro pelos “radicais”. Adeodato foi indicado ao posto de líder pela ala radical, que defendia a continuidade da guerra e considerava os moderados traidores por defenderem um armistício.

Como se lê na obra, Adeodato Manoel Ramos, ou apenas Leodato, era um tropeiro, peão da fazenda Rio Doce, localizada no município de Curitibanos. Era um jovem rapaz quando aderiu ao movimento sertanejo em 1914, ascendendo muito rapidamente entre as



lideranças e integrando os “pares de frança”, uma espécie de grupo especial entre os revoltosos. Exímio trovador, de voz forte e rouca, tornou-se líder geral dos redutos em novembro de 1914, logo após a morte de Chiquinho Alonso no combate de Rio das Antas.

No período em que esteve no comando do movimento – o mais longo dentre todas as chefias, pouco mais de um ano – Adeodato teve de enfrentar uma série de adversidades até então não vivenciadas pelos sertanejos. Em 1915, assumia o comando das operações militares no Contestado o general Setembrino de Carvalho, impondo, como estratégia de guerra, o cerco dos redutos, impedindo assim a circulação das pessoas pelo Planalto e restringindo o acesso à armamentos e, principalmente, alimentos. Foi o cerco da fome.

Um novo momento, portanto, se apresentava, marcado pela intensificação bélica e pela rendição de muitos adeptos, castigados pela desnutrição e por epidemias de tifo e sarampo. Adeodato, no intuito de manter a ordem no movimento, acabou por centralizar ainda mais os vários redutos espalhados pelo Planalto. Escolheu o vale do rio Santa Maria (no atual município de Timbó Grande) como local para a implantação da maior cidade santa² do Contestado, onde chegaram a viver mais de 25 mil pessoas. A centralização do comando também exigiu, por sua vez, maior rigidez e controle do chefe geral. Qualquer desvio na hierarquia era punida com a morte, pública inclusive, como acontecera com o líder de um dos redutos do norte, Aleixo Gonçalves de Lima, executado durante uma “forma”³ por suspeita de ser informante das tropas legais.

Adeodato também teria assassinado sua esposa e seu padrinho, Neco Pepe, ato comparado com a um parricídio na cultura cabocla. Contudo, há de se ressaltar que Neco traiu os rebeldes, declarou em depoimento ter sido forçado a viver nos redutos pelos “fanáticos”, e entregou os nomes de todos membros do piquete⁴ de Adeodato. Os autos transcritos na obra organizada por Machado e Axt, dera-se justamente a partir do depoimento de Neco Pepe.

Após a devastação de Santa Maria pelas tropas do capitão Tertuliano Potiguara, na páscoa de 1915, Adeodato concentrou ainda mais três redutos, o de São Miguel, São Pedro e

² No Movimento do Contestado, as “cidades santas”, “redutos” ou “quadro santos”, consistiam em unidades territoriais cujos espaços primavam pela vida comunitária, onde pregava-se que devia-se compartilhar tudo com todos, complementado por um cotidiano fortemente sacralizado através da realização de orações e procissões diárias.

³ As formas consistiam de uma reunião dos sertanejos, organizados em fila, muito semelhante a uma formação militar, com a participação de todos, incluindo mulheres e crianças. Servia para organizar uma série de atividades a serem executadas, como ações de defesa e trabalhos de manutenção da estrutura do reduto. Mas não só isso, também era o momento de ouvir os chefes, informar-se das notícias e entoar preces a São João Maria.

⁴ Os “piquetes”, ou “piquetes xucros”, eram constituídos de diminutos grupos de rebeldes que, à cavalo, deslocam-se pelo território no objetivo de abastecer os redutos com alimentos, armamento e muares. Arrebanhavam gado das fazendas, interceptavam tropas de mulas, confiscavam cargas de cereais e outras fontes de alimentação.



Pedra Branca, nos vales dos rios Timbó e Paciência. A existência destes últimos redutos durou por quase um ano e ficou marcado como o período do “açougue”, devido à enorme violência empreendida contra os sertanejos.

Com o fim de Santa Maria, o general Setembrino dava por encerrada sua participação no Contestado. Deixava a cargo do 54º Batalhão de Caçadores e de uma unidade do Regimento de Segurança de Santa Catarina, reforçados por grande número de vaqueanos, o trabalho final de perseguição e extermínio dos últimos rebeldes. Assassinatos em massa ocorreram nesse período. Segundo Machado e Axt (2017, p.36), “dentro dos redutos, a autoridade do último chefe era cada vez mais questionada. Um clima de terror passou a ser vivido, com a crescente desconfiança do chefe sobre a lealdade de seus comandados”.

Preso e apresentado ao chefe de polícia de Florianópolis em agosto de 1916, Adeodato mostrava-se tranquilo e expunha certa ironia durante o interrogatório. Negou ter cometido qualquer brutalidade contra crianças – conforme foi acusado –, mas assumiu ter matado muita gente que estava saqueando. Foi julgado em Curitiba em novembro de 1916 e condenado a trinta anos de reclusão. Acabou morto em 1923, durante uma suposta tentativa de fuga da prisão em Florianópolis.

O processo crime contra Adeodato foi localizado por Paulo Pinheiro Machado em 1999, e é na verdade o traslado do processo original constante no recurso interposto ao Tribunal por Olímpio Simão, outro sentenciado na mesma ação. O original havia sido extraviado. O achado, por conseguinte, revela-se como uma importante fonte para o estudo do Contestado. Sua publicação, da mesma forma, torna público e socializa uma releitura sobre Adeodato, desmistificando, em parte, toda uma representação demonizante do último chefe rebelde.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Veredas de um grande sertão**: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro. 2008. 430f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Eloi Giovane Muchalovski
Mestre em História
eloigiovane@gmail.com

Recebido em 06/08/2020
Aprovado em 15/12/2020